



**"DÁ LICENÇA,
QUE EU QUERO
FALAR!"**

Experiências escolares de adolescentes em instituições de acolhimento

**Luciana Marcelino Paiva
Noêmia Soares Barbosa Leal
Quézia Vila Flor Furtado
(Organizadoras)**

ideia

“Dá licença, que eu quero falar!” experiências escolares de adolescentes em instituições de acolhimento”, abre espaço para que adolescentes residentes de Casas de Acolhimento de João Pessoa – PB expressem suas experiências escolares, as quais se dão entrelaçadas às situações advindas da vulnerabilidade social e do distanciamento familiar. Os sentidos que cada um e cada uma atribui a escola são reveladores do espaço de encontros, conflitos, alegrias, tristezas, aprendizagens, descontentamento e superação que a configuram. Desejamos que as experiências partilhadas e os sentidos construídos por eles/as ecoem e transcendam da escola para a vida e da vida para a escola.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO BUCAL
PIET
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR - SESU

FNDE
Fundo Nacional
de Desenvolvimento
da Educação



ISBN 978-65-5608-068-0



9 786556 080680

“Dá licença, que eu quero falar!”

Experiências escolares de adolescentes
em instituições de acolhimento

**Luciana Marcelino Paiva
Noêmia Soares Barbosa Leal
Quézia Vila Flor Furtado**
(Organizadoras)

“Dá licença, que eu quero falar!”

Experiências escolares de adolescentes
em instituições de acolhimento

Ideia - João Pessoa - 2020

Todos os direitos dos organizadores.
A responsabilidade sobre os textos são dos respectivos autores.

Editoração: Magno Nicolau

Capa
Leandro Meneses e João Pedro Ritter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

"Dá licença, que eu quero falar!": experiências escolares de adolescentes em instituições de acolhimento / organização Luciana Marcelino Paiva, Noêmia Soares Barbosa Leal, Quézia Vila Flor Furtado. -- 1. ed. -- João Pessoa, PB: Ideia Livraria e Editora, 2020.

40p.

ISBN 978-65-5608-068-0

1. Acolhimento 2. Adolescentes 3. Bem-estar social 4. Educação humanística 5. Experiências - Relatos 6. Experiências de vida I. Paiva, Luciana Marcelino. II. Leal, Noêmia Soares Barbosa. III. Furtado, Quézia Vila Flor.

20-48135

CDD-362.732

Índices para catálogo sistemático:

1. Acolhimento de crianças e adolescentes: Bem-estar social 362.732
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ideia
EDITORA

www.ideiaeditora.com.br
contato@ideiaeditora.com.br

Impresso no Brasil – Feito o Depósito Legal

Sumário

Prefácio, 7

Apresentação, 11

COM A FALA FREE FIRE, 15

COM A FALA MALIA, 16

COM A FALA DE EVILLYN, 18

COM A FALA GABRIEL, 21

COM A FALA BELIEVE, 23

COM A FALA YURI, 25

COM A FALA SARA, 27

COM A FALA JOSY, 29

COM A FALA MIDORIA, 31

COM A FALA GIORDANIA, 32

COM A FALA RAKELY, 34

COM A FALA CARLOS, 36

Considerações..., 38

Prefácio

*Ontem o menino que brincava me falou
Que o hoje é semente do amanhã
Para não ter medo, que esse tempo vai passar
Não se desespere não, nem pare de sonhar
Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será*

Gonzaguinha

Meu coração pulou ao receber o convite da professora Quézia Vila Flor Furtado para dialogar com as experiências escolares dos meninos e meninas em contexto de acolhimento institucional através da composição deste prefácio. Não pude disfarçar a alegria em poder compartilhar desse mar de revelações presente nas duas faces dessas narrativas: a primeira representada pela dinamicidade das palavras expressadas e a segunda pelas palavras não ditas e que se acaçaparam nos segredos taciturnos dessa meninada.

Ao andarilhar por entre os verbos dessas memórias, fui sendo tomada por uma emoção inenarrável. Não são apenas signos linguísticos jorrados em um papel e mediados pelos colaboradores do subprojeto LEHIA – Letramen-

to e Escolarização a partir de Histórias Individuais para Autonomia. Há condicionantes sociais, históricas, políticas e afetivas que perpassam a vida escolar desses sujeitos e que ecoam através de suas vozes.

Para entender esse universo de sensações, inquietações e desejos é preciso mergulhar profundo no mundo de singularidades que só os colaboradores da LEHIA conseguem fazer. Confesso que foi impossível não chorar. Eu chorei. Nossa! Chorei copiosamente. Iniciei a leitura desses relatos em lágrimas. Não! Não são meras palavras soltas e dissociadas. São dores, gritos, abandonos, lágrimas, amarguras, medos, inseguranças, direitos ceifados que pulsam.

São depoimentos tão poderosos que me levaram à infância, à escola em que trabalho, à sala de aula e aos lugares onde estive e ainda estou. São histórias que merecem nossa atenção e brandura, mas, sobretudo, nosso solidarizar-se como metodologia de luta em favor dos sonhos possíveis. São provocações que nos alertam para a realidade excludente desse mundo para que através dessa mesma realidade possamos, unidos e unidas, transformar as situações de vulnerabilidade social dos meninos e meninas brasileiros.

Nada melhor do que começar a mudança aqui dentro, acreditando e tendo fé nessa garotada, pois como diz Cora Coralina em Aninha e suas Pedras: *"Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseira e faz doces. Recomeça. Faz de tua vida mesquinha um poema. E viverás no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir"*.

O Free Fire me ensinou que nem sempre serei inspiradora para os meus alunos e alunas e que há muitos encontros e encantos durante o recreio da escola. Concordo com a Malia quando diz que a gente pode ser feliz estudando e que escrever é bom demais. O melhor de tudo foi saber que, como professora, eu consigo ser inspiração. Com a Evillyn, aprendi que é sempre tempo de recomeçar e que a vida ensina mais do que a escola. Sábio o Gabriel por me fazer refletir que uma data pode marcar para sempre a nossa vida. Ele também exprimiu as marcas do preconceito, o qual é ignóbil.

Believe tem razão quando diz que a escola é importante, mas que a sala de aula nem sempre é legal. Fiquei super fã do Yuri, porque eu também acho que comer na escola é fantástico. A Sara tem uma força revolucionária dentro dela que me deixou encantada. A Josy nos lembrou o quanto é bom ajudar e ser ajudado. De acordo com o Kauã, a escola ajuda a ladrilhar o futuro. Eu concordo com a Giordania plenamente: a escola também é o lugar de fazer amigos. Com a Rakely aprendi que é maravilhoso fazer o outro sorrir. Na voz do Carlos, pude sentir que há esperança para os desprotegidos da vida.

A leitura dessas doze experiências é uma oportunidade de refletir sobre os caminhos e descaminhos revelados nesse mundo de opressão. Também podemos inferir que a escola tanto pode servir para a libertação dessa opressão ou, simplesmente, contribuir para manutenção dela. Por isso, destaco a importância do subprojeto LEHIA para o processo de escolarização desses sujeitos, porque é possível constatar nas vozes deles, os reflexos de uma con-

vivência humanizadora e os estímulos à autonomia, ao pensamento crítico, à solidariedade e a criatividade afetiva presentes na condução dos mediadores que compõem o projeto.

Caminhando para o término desse texto, relembro Freire em Educação e Mudança (2018, p.22) quando diz: *“o compromisso próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados, ensopados”*. Nesse sentido, é preciso molhar-se, ensopar-se nas subjetividades humanas que estão nas entrelinhas desses textos, entendendo a importância do compromisso social que essas palavras nos convocam a ter.

Assim, concluo convidando-os a fazer o mergulho neste mar de revelações que encharcam as narrativas e as memórias dos/as adolescentes acolhidos/as institucionalmente para que, juntos e juntas, molhados e ensopados, solidariamente, possamos nos comprometer com um futuro mais bonito e recheado de possibilidades para esses meninos e essas meninas.

Kadydja Menezes da Rocha Barreto¹

¹ Professora da educação básica, advogada, Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas.

Apresentação

“Dá licença, que eu quero falar!” experiências escolares de adolescentes em instituições de acolhimento”, abre espaço para que adolescentes residentes de Casas de Acolhimento expressem suas experiências escolares, as quais se dão entrelaçadas às situações advindas da vulnerabilidade social e do distanciamento familiar. Os sentidos que cada adolescente atribui a escola são reveladores do espaço de encontros, conflitos, alegrias, tristezas, aprendizagens, descontentamento e superação que a configuram. Tais sentidos estão emaranhados nas trajetórias de vida e nas trajetórias escolares truncadas, descontínuas, irregulares, ressignificadas.

Resgatar o lugar de fala de cada adolescente possibilita desvendar a complexidade e a importância de suas experiências de vida. Rememorar é viver, reviver. Atentar para essas histórias, reconhecendo o protagonismo dos/as adolescentes é o convite feito nesse livro e também o conteúdo que o compõe – deste lado e do outro lado (sendo livro físico) ou aqui e na primeira parte (sendo formato ebook). Deste lado ou aqui, as falas, os sentimentos, a relação de vida com a escola. Do outro lado ou na primeira parte, as experiências, a interlocução com a ciência e as aprendizagens de estudantes universitários que, no encontro com adolescentes acolhidos/as institucionalmente, re-

vela as práticas desenvolvidas pelo subprojeto LEHIA- Letramento e Escolarização a partir de Histórias Individuais para a Autonomia.

O “Dá licença” vem no tom respeitoso e carinhoso de que os(as) adolescentes Free Fire, Malia, Evillyn, Gabriel, Believe, Yuri, Sara, Josy, Midoria, Giordania, Rakely e Carlos são autores(as) de suas próprias histórias de vida. A escola precisa validar esse protagonismo e também reconhecer as dificuldades dos(as) estudantes, a fim de aprimorar o motivo de sua existência: proporcionar o aprendizado, a leitura do mundo e não só da palavra, como diria Paulo Freire.

O “que eu quero falar!”, impõe a voz daqueles(as) que por muitos são silenciadas. Comumente, ao se pesquisar, intervir e produzir materiais literários ou científico-teóricos acerca do contexto de acolhimento institucional parte-se do discurso unilateral de profissionais ou de pesquisas baseadas em metodologias quantitativas. Estas, por mais que tragam contribuições importantes a temática do acolhimento institucional, podem invisibilizar os protagonistas desse contexto: crianças e adolescentes.

É sensível a essa lacuna na produção literária e científico-teórica que nos propomos aqui, a conhecer o outro lado da história, mediante a valorização das vozes e das experiências dos(as) adolescentes com trajetórias institucionais e escolares. Para tanto, por se tratar de adolescentes sob medida protetiva de acolhimento, um cuidado assumido foi a preservação de suas verdadeiras identidades, em consonância com a Lei nº 12.010 (2009, art. 100, V), de

modo que adotamos nomes fictícios, escolhidos pelos/as próprios/as adolescentes.

Ao nos valer e dar suporte as falas dos/as adolescentes, nos apoiamos em suas narrativas e memórias, as quais podem não conseguir expressar integralmente a complexidade das experiências, assim como não seguem necessariamente um curso linear e com precisão cronológica dos acontecimentos. Não é esse o intento. Nossa proposta foi ouvir os/as adolescentes como meio para registrar experiências que, embora individuais, se dão na coletividade e expressam uma realidade vivida e vívida nas instituições de acolhimento. Com isso, desejamos que as experiências partilhadas e os sentidos construídos pelos/as adolescentes ecoem e transcendam da escola para a vida e da vida para a escola.

Luciana Marcelino Paiva¹

Noêmia Soares Barbosa Leal²

Quézia Vila Flor Furtado³

¹ Pós-graduanda em Direito das Famílias e Sucessões pela ESA/OAB-PB; Pós-graduada em Advocacia Tributária pela Universidade Candido Mendes/SP; Bacharel em Direito pela Faculdade IESP e em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba; Especialista em Serviço Social e Políticas de Proteção Social pelo CINTEP e MBA em Gestão de Recursos e Formação de Liderança pela FIP.

² Doutoranda em Psicologia Social e pesquisadora vinculada Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA) pelo PPGPS da Universidade Federal da Paraíba; Mestra em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pelo PPGDH da Universidade Federal da Paraíba.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Professora do Departamento de Metodologia da Educação – DME/ CE/ UFPB na área de Ciências Sociais e Educação Popular. Tutora do PET/Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas.

COM A FALA FREE FIRE

Me chamo Free Fire, tenho 14 anos de idade, sou negro e atualmente moro em uma casa de acolhimento, mas não me lembro mais com que idade cheguei aqui. Eu estudo na escola à tarde, nunca reprovei de série e nunca desisti de estudar. Eu assisto todas as aulas, participo das aulas de educação física, português e de vez em quando de matemática. Faço as tarefas de casa com a ajuda da educadora e na escola tenho ajuda de um amigo. Não tem nada que eu não goste na escola, mas tem algo que eu mais gosto: a hora do recreio. Acho que deveria mudar e ser mais tempo. Eu me relaciono normal com meus colegas e com a professora e acho que ela também ensina normal. Para mim, o importante na escola é estudar e passar de ano e eu dou nota dez para o jeito que me sinto lá. Nunca fui excluído nem colocado para baixo na escola e ninguém me tratou diferente por eu estar acolhido, mas se eu olhar para as pessoas que estão na escola, não me inspiro em ninguém não. Aqui na casa que moro, o abrigo, eu não tenho um lugar específico pra estudar não, mas participar do projeto LEHIA foi bom pra mim, foi bom para aprender, aprendi a ler mais, aprendi a ver as coisas. O acompanhamento que eu tive também me ajudou demais, hoje eu leio mais. Quando eu olho pro meu futuro, o que eu quero fazer ao terminar a escola é uma faculdade. Eu quero ser veterinário.

COM A FALA MALIA

Eu sou Malia, uma adolescente indígena de 12 anos. Eu estudo na escola no programa Acelera, no turno da manhã. Eu não sei dizer exatamente com que idade eu comecei a estudar, mas sei que frequentei creche e nunca reprovei nenhuma série antes de chegar no acolhimento, talvez porque cheguei aqui quando era muito pequena. Mas também não reprovei depois que cheguei no acolhimento e nunca desisti, porque eu gosto de estudar. Meu relacionamento com os meus colegas e professores na escola é normal, como todos os alunos, e eu tenho abertura para conversar com os professores e pedir ajuda se precisar. Eu costumo assistir todas as aulas e também participo das atividades propostas pelos professores, como por exemplo, as aulas de ensino religioso, matemática, português e artes, sendo que essas atividades são copiadas do quadro. Acho bom o jeito que as professoras ensinam, porque eu gosto delas. Elas nunca me trataram mal ou de forma diferente, mas alguns colegas sim, aí quando isso aconteceu, a diretora suspendeu o menino. O que eu mais gosto de fazer na escola é escrever e o que eu menos gosto é da bagunça e é mais ou menos isso que deveria mudar, não deveria existir bullying. Quando as professoras mandam tarefa para fazer em casa, eu faço todas, embora não tenha ninguém que me ajude, somente a mediadora do projeto. Aqui no abrigo, as tarefas que eu faço são só as da escola mesmo, não tem assim, um canto certo para eu estudar, faço isso mais no

quarto mesmo. Não sei dizer se tem algo que possa mudar no abrigo pra melhorar como eu sou na escola, acho que do jeito que tá está bom. E lá na escola eu me sinto bem, feliz e também acolhida e acho que ela é importante para no futuro eu ter um bom trabalho. Lá na escola tem uma professora que é uma referência pra mim. Meus colegas sabem que eu moro em abrigo, porque eu mesmo contei para eles e não sou tratada diferente por causa disso. Sou como todos os outros. Já sobre o projeto LEHIA, acho que o que ele mais me ajuda é a aprender e com a mediadora também, porque eu estou conseguindo responder as atividades da escola. No futuro eu quero ser professora de ginástica.

COM A FALA EVILLYN

Eu me chamo Evillyn, sou uma jovem de 18 anos. Eu estudo na escola e não lembro em que ano comecei a estudar e também não consigo lembrar se já reprovei antes de ser acolhida, porque eu parei de estudar na 3ª série, acho que eu tinha uns 09, 10 anos quando parei. Eu parei de estudar, então acho que não cheguei a reprovar antes de ser acolhida, porque eu entrei na escola agora há pouco, faz menos de um ano. Mas já desisti da escola antes de vir para o acolhimento e os motivos foram que primeiro comecei com minha família, pois minha mãe vivia se mudando, eu vivia entre o abrigo e a casa da minha mãe, daí eu nunca ficava fixa em uma escola para concluir o ensino e depois eu mesmo desisti. Eu disse, “aah, para quê? Não tem por que eu estar na escola”. Agora abandonar a escola nesse tempo que eu estou aqui no abrigo, não houve, embora eu já pensei. Atualmente a série que eu estudo é assim, porque eu tô fazendo provão agora, aí eu estou no 6º ano em matemática e as outras matérias estou no 7º ano, em português estou no 9º ano e inglês estou no 8º. Eu mesmo que faço a minha rotina, então eu vou pra escola quando dá para ir, aí eu vou para sala e estudo. Lá é aberto e tem professores pela manhã, tarde e noite.

Lá na escola eu procuro ter pouca intimidade com os colegas, pelo fato de estar há pouco tempo e eu sei que isso é passageiro. Até para não ter conflito, briga, essas coisas, sou mais de ficar quieta. Já com os professores eu já chego mais, até para eles terem um certo olhar e passar para gente de uma forma diferenciada. Teve uma certa vez que eu

fui reprovada no provão, aí uma professora não quis me dá um ponto a mais e eu fui reprovada. Aí eu gosto muito de português, a professora pediu para eu ver os assuntos. Ela não podia fazer isso, mas ela viu que estava me esforçando e tal. Eu costumo participar de todas as aulas, fazer as atividades de casa e o que eu mais gosto na escola é quando eu passo. Eu fico muito feliz quando eu vejo que estou passando e já estou terminando o fundamental e que eu vejo que estou conseguindo, pois eu não imaginava que eu iria conseguir, pelo fato de eu estar esse tempo todinho fora da escola. Quando eu vi o que tinha passado e que tinha como dá esse empurrão na escolaridade, fiquei feliz. Mas no meu ver, eu vejo que aprendi mais com a vida do que com a escola, daí eu fui tirando de letra.

Já o que eu menos gosto na escola é quando eu não consigo acertar as questões ou de eu não me esforçar e não conseguir. Eu não sei bem dizer o que eu não gosto lá, a escola que estou é perfeita, só um professor que é muito rígido. Aí ele perguntou, “você sabe as quatro operações?”, eu disse “mais ou menos”, ele disse que se botar mais ou menos não vai dá nada, daí eu fiquei calada. Mas, ele é bom. Então eu acho que não deveria mudar nada na escola. Lá até os professores ajudam, até mesmo na prova. Eu acho bom o jeito que os professores ensinam, acho ótimo. Assim, a gente não está entendendo uma questão, eles vêm e explicam, para poder eles efetuarem as provas.

Então assim, a escola é muito importante, porque eu vejo que eu tinha que terminar. Quando era mais nova eu não via assim, por que eu imaginava que os pais mandavam os filhos para escola só por mandar e para ficar livre dos filhos. Aí, o pessoal falava muito “tem que estudar, tem que estudar, tem que estudar”, e eu não entendia aquilo, mas porque não souberam me passar e hoje eu vejo que se

eu tivesse me esforçado lá atrás eu estaria melhor hoje e com uma vida melhor.

Hoje em dia eu amo estar na escola. Eu fico muito feliz por que eu pensava que não conseguiria fazer o que estou fazendo hoje que é estar sendo aprovada, para eu terminar e dizer para todo mundo que eu consegui e concluir. Não tenho uma pessoa de referência na escola, porque comecei há pouco tempo e não conheço muito as pessoas. E por fazer pouco tempo, também não tenho vivido nenhuma experiência de preconceito por estar acolhida, até porque ninguém sabe, nem mesmo meus colegas.

E na casa de acolhimento, quando estou fazendo algum exercício, eles ajudam se eu pedir. Mas lá não tem um lugar específico para a gente estudar. Isso eu acho que poderia mudar, pois eu tenho muita dificuldade para sentar e estudar, então se tivesse um ambiente para a gente sentar, uma área fechada para estudar, para se concentrar eu acho que seria muito bom.

Participar do projeto LEHIA no acolhimento tem sido muito importante, pois eu tiro todas as minhas dúvidas e ter um mediador que me acompanha ajuda quando eu não estou conseguindo aprender na escola, então eu tiro minhas dúvidas, pergunto, sou corrigida, tenho ajuda em português, o que tem melhorado muito e com certeza isso tem me ajudado no aprendizado. Assim, eu sei de algumas coisas, mas não é muito, porque eu parei de estudar muito nova, aí depois, o pouco que eu sabia foi juntando com a minha professora e com o pessoal do LEHIA. Quando eu olho para meu futuro, eu espero fazer uma faculdade. Meu sonho é trabalhar com estética.

COM A FALA GABRIEL

Eu me chamo Gabriel, tenho 13 anos e acho que minha cor é parda. Lembro que cheguei nessa casa de acolhimento no Dia das Crianças. Atualmente eu faço o terceiro ano na escola pela manhã. Eu nunca reprovei antes de ser acolhido, mas já passei por uma situação de desistência. Não sei bem o porquê, mas fiquei um bom tempo fora da escola. Minha mãe não tinha condição de levar para escola, então fiquei três ou quatro meses sem ir.

Lá na escola é legal, eu gosto das pessoas, costumo assistir as aulas tudinho, jogo bola na aula de educação física. Acho bom o jeito que os professores ensinam e quando eu tenho dúvida nas aulas, as vezes eu pergunto, eu falo. A matéria que eu mais gosto de estudar é matemática e português é a que eu menos gosto. Se tem uma coisa que eu acho que deveria mudar na escola é a quadra. Teve também uma vez que um professor gritou, por que eu não sabia que não era para escrever no caderno, aí ele gritou. Uma pessoa que eu admiro na escola é a diretora. Eu gosto da escola por que eu estudo, eu gosto mais de matemática e me sinto seguro, bem e feliz lá. Por outro lado, eu também sofro preconceito lá, porque eu não posso ir para casa do meu amigo e nem fazer o que eu bem entender. Todos os meus colegas sabem que eu moro em um abrigo porque eu mesmo contei para eles e não me incomodo com isso, acho normal.

Quando eu vim para o acolhimento eu não estudava. Mas hoje em dia, aqui, eu estudo. Quando eu vou fazer as tarefas de casa, atividades de matemática, português, ciências, história, eu gosto de ficar na sala do coordenador e eu tenho ajuda da tia, que é pedagoga. E no projeto LEHIA é legal, eu aprendo e gosto da pessoa que me ensina, gosto dela. Ter esse acompanhamento me ajuda em casa, ajuda nas tarefas, ajuda a ler, porque eu aprendi a ler com esse projeto, eu passei a aprender mais. Hoje penso em terminar os meus estudos. O que eu mais quero é voltar pra minha casa e ser pastor.

COM A FALA BELIEVE

Me chamo Believe, sou uma garota de doze anos, par-da e estou no acolhimento desde o 2017. Eu já estudava antes de ser acolhida, pois comecei a estudar quando tinha seis anos de idade. Hoje em dia eu estudo na escola pela manhã. Eu já reprovei de série antes de vir para o acolhimento, eu estava no terceiro ano quando sofri um acidente de carro. Mas desde que cheguei no abrigo não fui reprovada nem desisti da escola não.

Lá na escola eu tenho poucos amigos, tenho três amigas e eu me relaciono normal com os professores. Eu costumo assistir todas as aulas, menos a de educação física, pois é muita coisa e o professor obriga a participar mesmo quando a gente está doente ou machucada. O que eu mais gosto lá na escola é a quadra, pois lá tem os jogos internos e no recreio, às vezes, é onde ficamos. Já a minha sala é o que eu menos gosto, pois não tem ventilação.

Eu acho legal o jeito que a professora ensina, porque ela explica uma coisa e depois tira a conclusão se você está prestando a atenção ou não. Quando tem tarefa pra casa, eu faço todas e, às vezes, recebo ajuda de uma cuidadora e da professora quando ela pede pra fazer pesquisa no livro. Pra mim a escola é importante porque me ajuda a aprender as coisas, me faz sentir muito bem, acolhida e feliz e é lá que eu vejo minhas amigas. Meus colegas da escola sabem que eu moro em uma casa de acolhimento, porque uma menina que é da minha sala acabou descobrindo e contou para os amigos dela, mas isso não me incomoda.

No abrigo, as atividades que eu faço são só as tarefas da escola mesmo, que eu faço na biblioteca. Eu acho que o que poderia me ajudar mais era que o pessoal do abrigo poderia deixar eu ir sozinha para a escola, seria uma maravilha. Também poderia trocar de escola, faz muito tempo que eu estudo lá.

Eu participo do projeto LEHIA e minha mediadora me ajuda muito quando eu preciso. Fico muito feliz por estar no projeto, pois ela busca sempre o desenvolvimento, construir um conhecimento e ajuda a gente a aprender mais coisas. Eu tive ajuda em todas as provas e graças a mediadora eu consegui melhorar minhas notas. Minha antiga mediadora produzia mais textos, eu melhorei muito meu desenvolvimento. Quando eu olho para meu futuro e penso o que eu quero quando concluir os estudos, eu espero está bem grande, do tamanho do meu irmão, trabalhando. Quero ser cientista.

COM A FALA YURI

Eu sou o Yuri, adolescente preto, tenho 13 anos e não sei muito bem o tempo que estou acolhido, acho que fazem quatro anos que estou aqui. Eu comecei a estudar aos cinco anos de idade e já fiquei sem ir pra escola antes de ser acolhido, porque eu não quis ir. Atualmente eu faço o quinto ano, no turno da manhã, e já desisti da escola por não querer mais estudar, além de que eu não gosto de ninguém na escola. Eu sinto muita dificuldade por estar morando em uma casa de acolhimento, muita. Na escola, meus colegas me tratam com preconceito, me chamam de gordo, de baleia e me chutam. Eu disse que morava na instituição, eles dizem que eu era adotado. Isso me incomoda. Também acho muito chato o jeito que os professores ensinam e tem uma professora que grita na sala.

Ao mesmo tempo eu me sinto bem lá, melhor do que em casa e acho que lá tudo é importante, como comer, fazer tarefa, tudo. Eu participo das atividades de todas as disciplinas e faço as tarefas de casa, mas não tenho ajuda de ninguém. O que eu mais gosto na escola é de comer e o que menos gosto é de brincar. Acho que o que poderia mudar na escola é a horta. Um exemplo de pessoa para mim é o diretor.

Já aqui no abrigo, as tarefas que eu faço são as da minha escola mesmo, lá tem um lugar certo pra fazer as tarefas. Eu também participo do projeto LEHIA, que é bom pra mim, assim como é boa à mediação, pois me ajudou a me-

lhorar nas tarefas. Quando eu olho pra meu futuro eu espero terminar a escola e estudar na UFPB. Quero fazer pedagogia.

COM A FALA SARA

Eu me chamo Sara, sou morena, tenho 17 anos e estou acolhida há três anos. Eu comecei a estudar aos cinco anos de idade, nunca reprovei ou abandonei os estudos. Atualmente eu estudo o sétimo ano, no turno da tarde.

Eu não fico desmotivada por causa de professor, é mais fácil eles não quererem ir dá aula. Do jeito que alguns professores ensinam, eu acho que alguns são tão idiotas! Olha mesmo, com alguns, a pessoa até aprende alguma coisa. Mas, outros? Eles não sabem explicar direito, né? Aí desconta a raiva deles na pessoa! Tem professores que descem para dá aula e outros não descem, porque são chatos, são idiotas, lesados, ridículos, pois tiram nota da pessoa. Uma forma boa de ensinar seria ajudar os alunos da forma que eles precisarem, pois tem professora que eu cheguei, e perguntei: "essa matéria é para fazer o quê?", aí ela disse assim, só por que eu bagunçava na sala, "eu só vou ensinar para quem quer estudar". Aí eu disse a ela que queria estudar, pois "se não quisesse estudar eu não tava aqui", aí pronto, ela não tirou a dúvida. Ainda assim, eu costumo assistir as aulas, eu sou uma pessoa que não tem muita falta. Costumo participar das atividades de grupo. Então normalmente chego na escola, bagunço, brigo, chamo palavrão. Tem dia que eu vou para passar logo de ano, já outros dias eu vou só para bagunçar.

O que eu mais gosto na escola é a hora do intervalo, porque é a hora que não tenho atividade, já o que eu menos

gosto, é de chegar na sala e sentar na cadeira, mas eu acho que não deveria mudar nada não, só o intervalo que deveria ser maior, porque ia ter mais tempo para a pessoa respirar, sem ser ficar estudando. Pra mim não tem uma pessoa de referência dentro da escola. A importância da escola para mim é normal, porque a pessoa tem que ir para... não sei, para aprender história, matemática, ciências, geografia. Para aprender as tarefas, para quando você crescer, você ser alguém na vida.

Agora sobre preconceito na escola, eu nem sofri, nem sofrirei, porque eu não ligo para o que as pessoas falam. Meus colegas sabem que eu moro em casa de acolhimento, porque na escola que eu estudava antigamente era atrás de uma favela, aí era tudo menino de favela, de rua, drogado, noiado. Aí eles têm um grupinho que quando um fica sabendo da história, todos ficam sabendo, pois eles contam na mesma hora. Aí pronto, se espalha muito rápido, mas isso não me incomoda não.

Na casa de acolhimento não tem algo que eu ache que poderia me ajudar a melhorar na escola, pois quem tem que melhorar sou eu. Eu até participo do LEHIA para ver o que vai dá, acho que me ajuda um pouco, porque a gente vai fazendo as atividades, melhorando as coisas, as notas. Quando eu olho para o meu futuro, o que eu espero que aconteça é eu entrar numa faculdade e estudar. Eu quero ser atriz de televisão.

COM A FALA JOSY

Eu me chamo Josy, sou uma garota parda de 16 anos de idade e cheguei na casa de acolhimento em 2019 e comecei a estudar quando tinha 11 anos. Antes de ser acolhida, eu já estudava e houve uma vez em que eu fui reprovada de série, porque eu não me dedicava muito nos estudos quando era criança. Hoje em dia eu faço o primeiro ano no turno da manhã e não voltei a reprovar de série não, nem desisti.

Eu acho que meu relacionamento com meus professores é bom e eu acho legal estar nessa escola, pois eles me passam todos os exercícios e também eu estou me esforçando muito. Estou aprendendo bastante. Eu gosto do jeito que os professores ensinam. Meus colegas também me ajudam e eu ajudo eles. Tem aquela amizade boa. Eu também costumo assistir todas as aulas, participo de todas as atividades e também faço as tarefas de casa, que as tias da casa de acolhimento me ajudam. Só houve uma vez que eu saí da aula, mas foi porque eu comecei a sentir muita dor de cabeça. O que eu mais gosto na minha escola é de estudar e o que menos gosto são das brincadeiras. Acho até que o que deveria mudar na escola é o comportamento dos alunos.

A escola é muito importante para mim, porque já passei tantas dificuldades e hoje estou aqui estudando, já fiz cursos e vou terminar para conseguir um trabalho. A escola é muito importante para mim porque lá na frente ela sempre vai estar na minha cabeça. E tudo que eu quiser vou conseguir através dela. Eu me sinto muito acolhida e

feliz na escola e todos ali são uma referência para mim, mas tem uma pessoa que é mais especial, porque ela é mais do que uma amiga. Eu nunca sofri nenhuma situação de preconceito na escola, pelo menos até agora, até porque ninguém sabe que eu moro na casa de acolhimento, só algumas meninas, mas essas meninas nunca espalharam para ninguém. Então, eu não tenho nenhuma dificuldade relacionado a isso lá, porque nem todos sabem e as que ficaram sabendo, elas ficaram triste porque eu contei da minha história...elas começaram a chorar e me deram muitos conselhos.

Aqui no acolhimento não tem nenhuma atividade que eu faça não ou um lugar certo para estudar, mas assim, eu não acho que teria alguma coisa para melhorar porque eu não sei nas outras casas, mas nessa aqui eles ajudam em tudo que a gente precisa. Agora minha participação no projeto LEHIA tem sido muito importante, por ensinar tudo que eu preciso... ajuda nas minhas dificuldades. É muito importante para minha pessoa e o mediador que me acompanha é muito importante tanto para mim quanto para ele mesmo, porque ajuda no curso dele. Para mim contribui muito, porque na matéria de português eu tinha muita dificuldade sobre sujeito composto essas coisas, mas toda semana o mediador está aqui tendo reforço comigo, aí melhorou muito.

Quando eu terminar os estudos eu quero fazer mais cursos, procurar um emprego para mim, fazer o curso de policial e seguir em frente com meus estudos. Quero crescer na vida, ter uma casa, construir uma família, é isso que espero para minha vida. Quero ser polícia.

COM A FALA MIDORIA

Eu me chamo Midoria, tenho 15 anos de idade, sou pardo e não lembro bem o ano que cheguei no acolhimento. Atualmente eu estudo no 6º ano a tarde. Também não me lembro com que idade eu entrei na escola, mas sei que antes do acolhimento eu já desisti uma vez de estudar e depois que vim para o acolhimento eu reprovei uma vez por falta. Meu relacionamento com meus professores e colegas é bom, eu assisto as aulas, faço as atividades, as vezes faço as tarefas de casa. Quem me ajuda nas tarefas é o mediador do projeto LEHIA. Eu acho bom o jeito que os professores ensinam, é legal. O que eu mais gosto na escola é a aula de educação física e a que menos gosto é a de matemática. Acho que poderiam colocar ar-condicionado nas salas, melhoraria a escola. Para mim a escola é importante porque me ajuda a ter um futuro brilhante e eu me sinto bem por causa das meninas. Eu nunca sofri nenhuma situação de preconceito na escola porque eu moro em abrigo e meus colegas sabem, pois eu contei para eles. Aqui no abrigo não tem nenhuma atividade que eu faça não, e não sei de algo que poderia acontecer aqui para me ajudar na escola. Participar do projeto LEHIA é bom e ter um mediador para me acompanhar é massa, meu aprendizado na escola tá bem pra caramba. Quando penso no futuro, eu quero muito viajar pelo mundo. Eu quero ser surfista.

COM A FALA GIORDANIA

Meu nome é Giordania, tenho 17 anos de idade e cheguei na casa de acolhimento no ano de 2016. Eu comecei a estudar quando tinha seis anos e antes de ser acolhida eu estive fora da escola por três anos, pois meus pais não queriam que eu estudasse para não me relacionar com ninguém, então eu desisti. Atualmente eu faço o sétimo ano no turno da tarde e nunca fui reprovada depois de ser acolhida e também nunca pensei em desistir.

Lá na escola meu relacionamento com meus colegas é normal, eu brinco, estudo, mas eu não entendo nada. Não gosto de estudar à tarde e nem gosto dos professores. Mesmo assim eu vou a todas as aulas, participo das atividades e as vezes faço as tarefas de casa com a ajuda da mediadora do projeto LEHIA. O que eu mais gosto na escola são das amizades e o que eu menos gosto é do diretor. Acho que o que poderia mudar lá é tudo, na verdade, o barulho e o próprio colégio. Que os alunos fossem mais educados e as aulas precisariam ser mais focadas. Porque eu acho que os professores são ignorantes no jeito de ensinar, eles não têm boa educação para falar com os alunos.

Na escola eu também já sofri preconceito e fiquei desmotivada por causa dos meus colegas, pois eles mechem comigo porque eu tenho cabelo curto e ficam me chamando de desabrigada porque eu moro em abrigo, e nunca na escola teve alguma intervenção para que isso parasse de acontecer. Meus colegas ficaram sabendo que eu

moro no abrigo através do carro que nos leva até a escola. Então para mim a escola não tem importância nenhuma, só passar de ano mesmo. Sei lá, a escola pode até servir para mim quando eu tiver um foco, que é o que eu não tenho nesse momento. Lá eu não me sinto bem, não me sinto acolhida, não me sinto feliz. Não tem ninguém lá que seja uma referência pra mim, ninguém.

Aqui no abrigo não tem nenhuma atividade que eu faça e eu acho que o que poderia ter aqui para me ajudar mais na escola era ter mais reforço, sem barulho, pois eu não consigo estudar com barulho perto de mim e aqui não tem nenhum lugar específico para a gente estudar. Participar do projeto LEHIA é muito importante e ter a mediação de uma pessoa também é muito importante, porque me ajudou na forma de me expressar na escola com professores e alunos. E apesar de eu não ter vontade de estudar, o projeto me estimula e me dá vontade de aprender. Antes de começar nesse projeto eu não focava em nada, não tinha sonhos, mas hoje eu me sinto uma pessoa realizada e sei que vou conseguir. Aí quando eu olho para meu futuro, quero conseguir acabar os estudos e um trabalho. Eu quero ser fisioterapeuta, porque ajuda muito as pessoas, pessoas que precisam de atendimento.

COM A FALA RAKELY

Eu me chamo Rakely, sou uma adolescente parda e tenho 15 anos. Lembro exatamente o dia que cheguei na casa de acolhimento em 2017. Eu comecei a estudar quando tinha 13 anos e antes de ser acolhida eu já reprovei de série duas vezes, porque não estudava muito, não prestava atenção nas tarefas. Atualmente eu faço o quarto ano pela manhã na escola estadual e depois que fui acolhida não reprovei mais, nem pensei em desistir.

Na escola eu gosto de todo mundo, meu relacionamento é ótimo com todos. Eu assisto todas as aulas e participo das atividades. A gente vai para sala de computação, assiste vídeos, vê um bocado de coisas. Agora as tarefas de casa, eu faço de vez em quando e minha professora me ajuda de vez em quando. Assim, eu acho que os professores ensinam bem direitinho, mas eu não gosto do jeito que eles ensinam, do jeito deles. O que eu mais gosto na escola é de brincar e o que menos gosto é das aulas de matemática. Acho que não tem nada lá que poderia mudar não. Tudo na escola é importante para mim, como minha professora, que eu gosto dela. E eu amei essa escola, nessa eu gosto de ir para escola direto, mas não gostei das outras que eu estudei. Eu me sinto feliz na escola, eu gosto de ir, me sinto acolhida. Lá tem um amigo que gosto muito, ele é divertido e quando eu estou triste ele me faz sorrir.

Eu não sofri nenhum preconceito na escola. Meus colegas sabem que eu moro em abrigo. Assim... eles pensa-

vam que eu morava em casa normal, mas como eu falei para eles, porque eu não tenho vergonha, eles ficaram chocados. Aqui no abrigo eu não faço nenhuma tarefa da escola e não tem um lugar certo para estudar, mas eu não sei dizer o que poderia ter aqui pra me ajudar a melhorar nos estudos. Eu gosto de participar do projeto LEHIA porque eu aprendo mais e o mediador é importante, porque ele me ensina tudo que eu não sei. Me ensina a ler, um bocado de coisa. Porque quando eu cheguei na escola eu não sabia ler muito, aí um dia a minha professora me chamou e disse "lê isso aqui", mas eu li só quase a metade. Depois que eu conheci minha mediadora mudou tudo. Eu consigo ler. Quando penso no meu futuro eu penso em trabalhar e ser alguém na vida. Eu quero ser modelo.

COM A FALA CARLOS

Meu nome é Carlos, me considero preto e tenho 18 anos. Não sei o ano que cheguei ao acolhimento e nem com que idade comecei a estudar, mas hoje faço o EJA e curso o 1º e 2º ano do Ensino Médio. Não reprovei depois que cheguei ao acolhimento, mas antes, quando eu morava na rua, reprovei cinco vezes. Eu fiquei na rua direto por um ano.

Na escola, eu sou bem tímido com os colegas que eu não conheço, mas com os professores eu converso normal, só que eu não me sinto bem na escola porque acho as matérias muito difíceis e eu não consigo acompanhar. Também não costumo assistir todas as aulas, mas faço as atividades de grupo. O que eu mais gosto na escola é jogar bola e o que menos gosto são as aulas de química, mas gosto da professora e ela é minha referência. Alguns professores ensinam bem e outros dão aula só por dar, não ensinam direito. Acho que isso deveria mudar. Nunca sofri preconceito ou me senti excluído nem pelos professores e nem pelos colegas e também nunca me senti desmotivado por eles. Eles sabem que moro no abrigo, não fui eu que contei, mas não sinto preconceito por isso.

Já no abrigo, tem algumas atividades de casa que eu fazia e outras não, pois não tenho ninguém para me ajudar nessas atividades. No abrigo não fazemos nenhuma atividade escolar, mas tem um lugar para estudar, então na minha opinião acho que deveria ter uma pessoa para ajudar e um cursinho. O projeto LEHIA me ajudou nas dificuldades

na escola, porque um mediador me ajudou muito nas atividades, então com o acompanhamento do projeto eu comecei a entender melhor as atividades que antes não entendia. Eu acho a escola importante, porque sem a escola não se tem um futuro, nem um emprego bom. Quero me formar e ser um advogado.

Considerações...

As grandes narrativas têm em comum a valorização do protagonismo de pessoas comuns, mas que, por terem seus feitos enxergados, suas trajetórias compreendidas, suas dificuldades vistas com sensibilidade, sua voz feita audível, se inscrevem na história, propagam uma mensagem. Diversos são os cenários que demarcam tais narrativas. Neste livro, o cenário está interseccionado entre o acolhimento institucional e a escola, ainda que se busque dar centralidade as experiências escolares.

A escola é o espaço escolhido pela sociedade para compartilhar e multiplicar saberes. Nesse meio encontramos um universo de possibilidades de transformação, não só pedagógica, a partir de disciplinas curriculares, mas no desempenho de um papel muito mais profundo e complexo: o de formar cidadãos apropriados da sua dignidade, pessoas ainda em processo de desenvolvimento, mas desde já sujeitos titulares de direitos e de deveres.

É no espaço escolar que muitas vezes nascem os sonhos, criam-se expectativas de um mundo e um futuro diferente do presente que se vive. Encontramos esses aspectos claramente nas falas que retratam aonde esses adolescentes em contexto institucional querem chegar e a importância que deram a educação, apesar das críticas que devem ser consideradas. É impactante perceber a luta diária de cada um deles em nadar muitas vezes contra a maré para não naufragar no meio do oceano.

Com todos os desafios e tristeza que a vida, sem perguntar, lhes impôs, eles continuam nadando, nadando.

Quando olhamos para a escola, a compreendemos como contexto maior em que circulam pessoas diversas, únicas. A vivência escolar tem uma centralidade na nossa formação enquanto pessoa, pois se dá entrelaçada a inúmeras outras situações experimentadas na infância, na transição para a adolescência e daí em diante. O pertencimento a um grupo de pares; a solidificação de amizades que perduram anos; a relação com adultos que podem facilitar (ou não) o aprendizado; experiências que desafiam a autoestima e que moldam a personalidade são algumas das situações que perpassam os anos escolares e que têm poderoso impacto na nossa vida.

Mas o que tem a dizer os adolescentes com trajetórias em acolhimento sobre seus percursos escolares? Não são eles os protagonistas de suas próprias histórias? Ah, temos tanto a aprender com eles. Cada fala contida nesse livro nos aponta alguns dos desafios grandiosos que crianças e adolescentes tem de lidar ao longo de uma fase tão preciosa para o desenvolvimento, mas que pode ter tal preciosidade ofuscada, ignorada, violada.

É ao ouvir suas narrativas com abertura e sensibilidade que podemos aprender a respeitar o outro; a questionar lugares, decisões, modos de funcionamento naturalizados; a pensar e repensar o espaço escolar e a instituição de acolhimento; a identificar nosso papel enquanto sociedade, no pleito por garantir condições saudáveis de desenvolvimento a crianças e adolescentes, e por exigir do Estado, a viabilização dos direitos fundamentais como a educação de qualidade.

Neste sentido, a educação, apesar de ser um direito adquirido, não causa grande impacto agindo sozinha. Ela precisa

estar aliada a garantia de outros direitos fundamentais, além do importante papel desempenhado pela família. Mas, e quando não existe esse núcleo familiar ou ele está impossibilitado de amparar e contribuir? Essa é mais uma dura realidade que alcança esses adolescentes, entretanto, não estão paralisados por isso, o que poderíamos até esperar. Eles querem ser protagonistas de suas vidas, e é nesse aspecto que o Projeto LEHIA veio a impactar.

Enquanto profissionais de diferentes áreas como: Serviço Social, Direito, Psicologia e Pedagogia, percebemos no trabalho realizado junto as crianças e adolescentes em Casas de Acolhimento de João Pessoa, a garra que muitos demonstravam em superar seus próprios obstáculos e encontrando na educação escolar uma luz no horizonte, mesmo sem muitas escolas oferecerem condições materiais e mediações de aprendizagem adequadas. Assim, sentimos nesta produção, a satisfação de promover a visibilidade destas narrativas, bem como nos sentimos desafiadas em poder contribuir para a democratização de cada fala e do conhecimento em torno do espaço escolar e do acolhimento institucional. Resgatar esses cenários, a partir da fala dos próprios adolescentes, foi o intento dessa produção e abre-se como convite para nos fazer refletir e agir.